



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**PELAS LENTES DAS CÂMERAS DOS ALUNOS: A FOTOGRAFIA NA
RESSIGNIFICAÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS E AMBIENTAIS**

Ires de Oliveira Furtado¹

Carmem Lúcia Lascano Pinto²

Patrícia Mendes Calixto³

RESUMO: As tecnologias de informação e comunicação estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. O celular e as câmeras digitais são equipamentos de uso comum entre muitos adolescentes, como foi possível identificar no grupo de jovens participantes desse estudo. Esse fato permitiu a proposição de uma atividade para o desenvolvimento dos conceitos da Geografia Urbana e da Educação Ambiental a partir de fotografias da cidade em que residem pretendendo-se que através da análise crítica possam transpor o conhecimento produzido para as escalas regional, nacional e/ou global. A imagem fotográfica, realiza uma desaceleração do olhar, permitindo que os elementos que parecem não carregar sentido no processo de formação da cidade, sejam mais bem compreendidos pelos alunos, permitindo também que se sintam parte integrante da dinâmica de produção do espaço. A pesquisa qualitativa, com opção pela pesquisa-ação, guiou o estudo. Ao longo do percurso formativo identificou-se o envolvimento dos estudantes com o processo e a ressignificação de alguns conceitos em relação à Geografia e a Educação Ambiental, assim como que essa atividade despertou para a autoria e para a compreensão de que são produtores de saberes e de conhecimento.

Palavras-chave: Geografia; Educação Ambiental; Fotografia.

ABSTRACT – The technologies of information and communication are increasingly present in the daily life. Cellular phones and digital cameras are quite widespread as equipment among many teens as we can identify in the group of participants in this study. This allowed the proposition of an activity for the development of concepts of Urban Geography and of Environmental Education from photographs of the city where they live with the intention that a critical analysis can bridge the knowledge produced for regional, national and / or global levels. The photographic image performs a deceleration in the sight, allowing the elements that seem to carry meaning in the process of formation of the city, be better understood by the students, also allowing them to feel part of the dynamic production of space. The qualitative research with an option for participatory action research guided the study. Throughout the training process we identified the involvement of students with the process and the reframing of some concepts in relation to Geography and Environmental Education, and that this activity raised the understanding to the authorship and the understanding that they are producers of knowledge.

Key words: Geography; Environmental Education; Photography.

¹ Licenciada em Geografia e Especialista em Educação. Professora da rede estadual e integrante do Grupo de Pesquisas FORMARE – iresfurtado@gmail.com

² Licenciada em Educação Física, Mestre e Doutora em Educação, Professora dos cursos de Pós-Graduação *Lato e Strictu Sensu* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense e coordenadora do Grupo de Pesquisa FORMARE - carminha_lascano@hotmail.com

³ Bacharel em Geografia, Mestre e Doutoranda em Educação Ambiental, Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Bagé – patricia.tutoria@gmail.com

Introdução: um breve enquadramento

A Educação Ambiental - EA - muitas vezes é associada ao desenvolvimento de uma postura capaz de contribuir para a preservação do meio ambiente, em muitos casos, entendido como natureza. Esse conceito, no entanto, é muito vasto, tanto quanto o próprio planeta e a complexidade das relações dos seres humanos entre si, com as demais espécies e sistemas naturais e não-naturais, próximos ou distantes.

Segundo a UNESCO, a “Educação Ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros” (UNESCO, 1987)⁴.

Esse tipo de postura não se desenvolve espontaneamente, demandando o compromisso de a escola educar para o alcance desses objetivos, pois agir de forma responsável pressupõe compreensão de como fazê-lo e o desenvolvimento de valores, atitudes, comportamentos e ações adequadas a cada ambiente e situação em específico, pensadas de forma sistêmica. Logo, não estamos falando somente da preocupação com situações globais, como, igualmente com questões locais, exigindo o olhar atento ao meio que nos cerca. Caso que muitas vezes não ocorre devido ao fato de os espaços com os quais convivemos cotidianamente tornarem-se por demais familiares para que nos detenhamos a analisá-los em busca de alternativas aos problemas que se colocam.

Na pesquisa-ação relatada nesse artigo, a Educação Ambiental e a Geografia se articulam para, através da fotografia, desenvolver um trabalho de percepção do entorno em busca da constituição de uma postura crítica e comprometida dos estudantes com o planeta, produzida no coletivo da escola. Assim, buscou-se ampliar o conhecimento do uso da fotografia na educação, procurando identificar suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem. Os objetivos apresentados levaram-nos a estabelecer o seguinte problema de pesquisa: a adoção da fotografia para a construção de conceitos da Geografia e da EA pode favorecer o envolvimento dos estudantes com o processo educativo e contribuir para a aprendizagem?

⁴ Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/educamb.html>>. Acesso em março de 2008.

Para o desenvolvimento desse artigo, primeiramente, apresentamos a abordagem metodológica. Posteriormente destacamos algumas aproximações entre a Geografia e a Educação Ambiental a fim de consolidar a proximidade desses dois campos. No item seguinte procedemos a uma discussão sobre as possibilidades de abordagem da paisagem, por meio da fotografia, com vistas à construção de conceitos da Geografia urbana e da EA. A partir daí, apresentamos o que falam nossos dados.

Câmera, composição e foco: o percurso metodológico trilhado

Essa pesquisa realizou-se em uma escola da rede pública estadual de Pelotas/RS localizada no centro da cidade, cujo público é composto por alunos oriundos do entorno da escola e, grande parte, dos bairros Navegantes, Fátima, Porto e Areal. Participaram do estudo 19 alunos⁵ de uma turma de segundo ano do Ensino Médio. Para desencadear o processo, foi apresentado à professora de Geografia, titular da turma, um projeto de pesquisa, devidamente fundamentado, com uma proposta de estudo que convidava à vivência de uma abordagem pedagógica em que os alunos utilizariam a fotografia para o desenvolvimento de um dos conteúdos desse adiantamento, a Geografia Urbana.

Para a realização da pesquisa adotou-se a abordagem qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994) com opção pela pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Os dados foram levantados através de: fotografias sobre a cidade de Pelotas, mote para a construção de conceitos da EA e da Geografia Urbana, e de registros do percurso formativo realizados pela professora-pesquisadora em caderno de campo. O texto reflexivo produzido no coletivo pelos estudantes ao final dos três encontros foi um importante instrumento para a produção do conhecimento e trouxe relevantes informações sobre os reflexos na aprendizagem e na construção e/ou revisão de conceitos sobre a Geografia e a EA, assim como sobre a avaliação dos alunos sobre a atividade.

Com o objetivo de trazer maior significado ao conteúdo aproximando-o da vida real dos estudantes, considerou-se imprescindível não instruir sobre qual tipo de imagem/fotografia deveriam retratar orientando somente a que trouxessem uma foto da cidade. As fotografias tiradas pelos alunos trouxeram elementos para direcionamento do processo de construção coletiva do conhecimento, permitindo o acesso aos conceitos e a identificação de possíveis espaços de intervenção/problematização.

⁵ Desses dezenove alunos, apenas quatro não levaram suas fotografias, mas participaram das outras etapas da pesquisa.

Com sustentação em Oliveira JR. (2006) diria que a proposta foi produzir conhecimento no coletivo “por meio do agenciamento de saberes pessoais colocados em circulação no conjunto da turma de alunos” (p. 1).

As fotografias foram analisadas como “unidades de registro” e posteriormente agrupadas em categorias segundo os três principais motivos que os levaram a fotografar e querer estudar mais sobre determinado lugar. São elas: *problemas para a comunidade; melhorias na infraestrutura do lugar; e a beleza das paisagens.*

Tratando-se de uma pesquisa-ação, a análise dos dados ocorreu paralelamente à coleta. Através da Análise de Conteúdos (Bardin, 1977) buscou-se a compreensão do que está por trás dos conteúdos manifestos. Para isso, problematizou-se o material apresentado e buscou-se contribuir para a síntese dos estudantes através do texto reflexivo por eles produzido coletivamente ao final.

Aproximações entre a Geografia e a EA e os ganhos com o uso da fotografia

A Geografia, ao longo do seu percurso como ciência, apresentou-se de diferentes maneiras quanto às suas concepções e objetos de estudo, passando de uma ciência descritiva, à outra preocupada com os processos de transformação do meio natural em espaço geográfico pela ação humana e com os estudos sobre as relações políticas, econômicas, sociais e culturais dentro das sociedades e entre diferentes sociedades neste espaço (MORAES, 1983)

A EA é proposta pelos PCNs como “algo essencialmente oposto ao adestramento ou à simples transmissão de conhecimentos científicos, constituindo-se num espaço de troca desses conhecimentos, de experiências, de sentimentos e energia” (1998, p. 16). Olhando para o conceito de meio ambiente, central a EA, descrito, temos: “por ‘ambiente’ entende-se não apenas o entorno físico, mas também os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos inter-relacionados” (p. 63) mostrando, portanto, um conceito bastante abrangente.

Nossa abordagem de EA sustenta-se em estudos como: Reigotta (1998), Gutierrez e Prado (2000), Penteado (2003), Loureiro (2004) Loureiro, Layrargues e Castro (2008), Carvalho (2009), entre outros autores, nos quais valoriza-se o protagonismo dos jovens na reflexão sobre temas importantes de forma crítica e propositiva. Propositiva porque conforme apontam estudiosos da EA a reflexão crítica capaz de provocar o envolvimento dos estudantes/atores sociais, a partir de conhecimentos acerca do ambiente biofísico e dos problemas a eles associados, possibilita habilitá-los a resolver esses desafios, constituindo-se

verdadeiramente como cidadãos. Concepção corroborada em estudo sobre as práticas docentes perpassadas pelo viés ambiental (CALIXTO E PINTO, 2009).

A concepção de Geografia valorizada na atualidade e a de EA por nós adotada mostram importantes zonas de aderência. Enquanto componente curricular na escola, perpassada pelo viés ambiental, a Geografia proporciona aos estudantes uma reflexão crítica sobre o mundo, auxiliando na compreensão acerca da produção do espaço geográfico, das relações humanas e do seu papel na sociedade. “A abordagem das questões ambientais através do enfoque multidisciplinar está contemplada na Agenda 21, na LDB, e é corroborada pelos estudiosos da EA, conforme destacado em Calixto e Pinto (2009)”. A indissociabilidade desses campos pode contribuir para a produção de um conhecimento favorecedor de uma postura ética diante da vida, em prol da sustentabilidade.

Nesse sentido, tem sido valorizadas metodologias que estimulem os alunos à reflexão crítica sobre o espaço onde vivem. A participação cidadã, a resignificação do ambiente e a transformação societária, no entendimento de Loureiro (2004), são princípios estruturantes e indissociáveis do processo de requalificação do humano na natureza.

Seguindo esse pensamento propôs-se essa experiência formativa visando à construção de conceitos da Geografia e da EA através da fotografia. A opção pelo uso da fotografia ocorreu devido a estudo sobre o tema, em que se observaram os ganhos com esse tipo de proposta (FURTADO, 2010). A fotografia tem a capacidade de “desacelerar o olhar” (DANTAS, 1995, p. 5), permitindo enxergar detalhes do cotidiano, que ao olhar acostumado, parecem não portar sentido no processo de modificação do espaço geográfico.

Segundo Carvalho (2008):

Nossos conceitos são assim como lentes em nossa visão da realidade [...] um bom exercício para renovar a nossa visão do mundo é, às vezes, trocar as lentes, para ver as mesmas paisagens com olhos diferentes. Isto significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios. Podemos fazer isso questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana, criando, dessa maneira, espaços para novos aprendizados e para a renovação de alguns dos nossos pressupostos de vida (p. 33 -34).

A palavra paisagem, para muitas pessoas, remete a imagens da natureza, vista como livre da ação humana, mas ela não se limita a isto. No âmbito da Geografia a paisagem é a retratação de qualquer recorte do espaço, “que sintetiza os diversos tempos que traçaram a fisionomia atual do lugar” (SCHÄFFER, 2000), sejam eles naturais moldados pelas ações do intemperismo natural, ou transformadas pela ação do trabalho humano.

Durante muito tempo, a Geografia, descrita como Tradicional, apropriou-se dos estudos a cerca da paisagem de forma meramente descritiva. Com o passar dos anos, no

entanto, transformaram-se em temas-chave para a investigação sobre as relações dos seres humanos com o meio, pois é o retrato da ação humana na produção do espaço geográfico.

Santos (1997) descreve paisagem como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” (p. 47) trazendo dois aspectos importantes: a concepção de interação e a idéia de herança que nos remete ao que desejamos deixar para as futuras gerações.

Situação mais facilmente identificada por meio da fotografia que retrate o momento atual em sua dinamicidade, diferentemente de quando é abordada através do livro didático, cuja foto, muitas vezes, apresenta grande distanciamento em termos cronológicos, não correspondendo à realidade atual.

Pautadas nos autores da Geografia e da EA adotados, apostamos na análise do entorno, sobretudo através de linguagens que os sensibilizem (texto, imagem, poesia, etc.), para deslocar os estudantes do papel passivo para o ativo. Por isso, a importância do protagonismo dos jovens e de, sempre que possível, iniciar as atividades pelo conhecimento sobre os saberes que os alunos possuem sobre o assunto, no caso desse estudo através da fotografia.

Nessa materialização, para Schäffer (2000), é fundamental ultrapassar a mera descrição empírica para fazer relações em diferentes escalas, ou seja, a leitura crítica de textos ou imagens permite transpor os assuntos contidos neles para outras situações. É de grande importância uma leitura que

[...] incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem. Este procedimento, que é reprimido por uma forma de conhecimento que concebe através da operacionalização e generaliza através da quantidade e da uniformização, será normal numa forma de conhecimento que concebe através da imaginação e generaliza através da qualidade e da exemplaridade (SOUSA SANTOS, 2002, p. 18).

Alicerçadas em estudos do autor (op. cit.) acreditamos que por meio do estudo da paisagem da cidade onde vivem, a análise crítica do lugar retratado irá permitir aos alunos fazerem relações do assunto que foi visto com outros lugares, ampliando o conhecimento construído sobre a sua cidade para as escalas regional, nacional e/ou global, produzindo saberes e conhecimentos a partir da reflexão.

A construção coletiva do conhecimento a partir da paisagem baseou-se no princípio de leitura da paisagem: *observação*, *descrição* e *registro* (SUERTEGARAY, 2004). Nesse método, primeiramente, a paisagem, nesse caso a retratada pela fotografia, é observada e

depois questionada sobre a presença de conceitos da Geografia nas imagens, analisando criticamente a ação do homem sobre o meio natural e não natural.

Para inúmeros autores da EA (LOUREIRO, 2004, REIGOTA, 2003, PENTEADO, 2003; CARVALHO, 2008), a análise do meio ambiente próximo, através de atividades conjuntas e que incentivem ações educativas transformadoras, podem levar à constituição de posturas favoráveis à produção de sociedades sustentáveis.

A fotografia na ressignificação de conceitos sobre a cidade: nossos achados

Um dos conteúdos programáticos a ser desenvolvido com os participantes desse estudo era “A Urbanização (processos de urbanização, crescimento das cidades e problemas urbanos)”. Nesse trabalho, observou-se o foco desses alunos para assuntos referentes a acidentes de trânsito e à arborização nas ruas do centro da cidade de Pelotas/RS, considerada inadequada, talvez porque sejam altamente divulgados pela mídia.

As fotografias trazidas pelos estudantes foram apresentadas por meio de projetor multimídia e os conceitos da Geografia retratados foram sendo problematizados/construídos no coletivo. À medida que iam apresentando suas fotografias para os colegas explicitavam o motivo que os levou a selecionar aquele lugar. Os três principais foram: a) *problemas de infraestrutura, violência, poluição, entre outros*; b) *lugares que melhoraram com o passar dos anos*; e c) *lugares da cidade que consideravam bonitos*. Os quais geraram as seguintes categorias: 1) *Problemas de infraestrutura*; 2) *Melhorias na infraestrutura do lugar*; e 3) *A beleza das paisagens*. Dez fotografias apresentaram problemas locais, duas mostraram lugares que melhoraram com o passar dos anos e três trouxeram imagens de lugares da cidade que consideravam bonitos.

1) *Problemas de infraestrutura*



Imagem 1 – Canal do Pepino. Pelotas/RS.
Autora: Aluna M.A.



Imagem 2 – Rótula na Rua General Neto, esquina com Avenida Juscelino K. de Oliveira. Autor: Aluno G.R.

Para exemplificar, trazemos aqui quatro fotografias relacionadas a essa primeira categoria. Na primeira imagem, a aluna M.A. retrata um trecho do Canal do Pepino (IMAGEM 1), um curso d'água que tem uma extensão de 2,5 mil metros e foi fotografado devido à poluição ocasionada pelos dejetos de esgotos residenciais e pelo lixo depositado pela população no local, ocasionando odores desagradáveis e enchentes. Logo, os maiores problemas são a falta de manutenção da prefeitura e a ação humana. A fotografia trouxe várias outras questões fundamentais a EA levando a assuntos relacionados à modificação do espaço geográfico pela ação do homem, a canalização de um recurso hídrico, e os cuidados com a água, um bem não renovável.

Outro aluno também fotografou (IMAGEM 2) a mesma área retratada por seus colegas, mas de um ângulo distinto. O registro permitiu a discussão sobre os problemas de trânsito da área, que diminuíram com a construção da rótula, porém ainda são frequentes.

Foi possível discutir também sobre a construção da ponte que liga as ruas Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira e Doutor Cassiano, pouco visível na fotografia, mas identificada pelos alunos que transitam pelo local diariamente. Eles destacaram o quanto a construção dessa ponte melhorou o acesso à escola para aqueles que moram nos bairros Areal e Cruzeiro, pois serve como um atalho. Porém, sendo uma travessia de veículos, aumentou o risco de acidentes, pois a calçada está inacabada, obrigando os pedestres a andar no meio da rua. Segundo os estudantes, há um depósito ilegal de lixo nessa área e também ausência de lixeiras.



Imagem 3 – Trecho da Rua Tiradentes. Autora: Aluna V. P.



Imagem 4 – Habitações próximas a ponte do Rio Grande Autor: Aluno B. A.

Outra aluna também fotografou um lugar da cidade por onde passa para chegar a sua residência e que considera ter problemas referentes ao trânsito. Trata-se de um trecho da Rua Tiradentes (IMAGEM 3), com semáforos, mas de difícil travessia aos pedestres, e que em dias chuvosos, como quando a fotografia foi tirada, a situação se agrava. A imagem também propiciou discussões referentes ao asfaltamento, a impermeabilização do solo urbano, a modificação do espaço pelo homem e a diferenciação entre pichação e *grafitti* no centro da cidade, trazendo o debate sobre uma expressão cultural, consentida pelos proprietários, com vistas ao embelezamento e uma manifestação, infelizmente bastante comum, que não passa de vandalismo.

Esse local na saída da cidade de Pelotas (IMAGEM 4), próximo à ponte de ligação com a cidade de Rio Grande foi selecionada por B.A. para mostrar a falta de infra-estrutura no local em que muitas famílias moram em condições precárias. A fotografia possibilitou a reflexão sobre as periferias nas grandes cidades, a falta de saneamento básico em algumas partes da cidade, a falta de emprego, o depósito inapropriado de lixos em certas áreas, etc. As discussões foram direcionadas a possíveis meios para modificar e melhorar essa realidade.

2) Melhorias na infraestrutura do lugar



Imagem 5 – Rótula entre as ruas na Av. Juscelino Kubitschek com General Neto.

Autor:

Aluno



Imagem 6 – Praça João F. Xavier

Autor: Aluno R.C.

G.R.

Trazemos aqui uma fotografia produzida pelo aluno G.R. (IMAGEM 5), que retrata a mesma esquina da fotografia de seus colegas (IMAGEM 1 e IMAGEM 2), porém de um ângulo diferenciado e abordando questões referentes à melhoria da infraestrutura do local. O aluno relatou que passa por esta esquina para chegar até a escola desde o início de sua vida escolar, e que antes da construção da rótula retratada o trânsito apresentava-se muito mais perigoso aos pedestres que cruzavam a rua, devido ao fluxo intenso de veículos nos horários próximos da entrada e saída dos alunos da escola.

A IMAGEM 5 trouxe várias questões diferenciadas do fato que motivou o aluno a produzi-la, como violência, arborização da cidade, entre outros. As árvores que aparecem em segundo plano compõem a Praça João F. Xavier, que foi revitalizada recentemente pela prefeitura, com o plantio de novas mudas de árvores, a instalação de um *playground* e de vários postes de iluminação. Outra importante melhoria na infraestrutura do lugar. Aqui apresentada pela foto do aluno R.C.(IMAGEM 6).

Porém as novas árvores foram depredadas, bem como os postes de iluminação e as lâmpadas, tornando a rua extremamente escura durante a noite, o que favorece a ocorrência de assaltos. Segundo os alunos, os postes foram depredados propositalmente por usuários de drogas que costumam frequentar o local à noite.

Segundo Berna (2004) a falta de vínculo dos sujeitos que interagem com um ambiente e/ou com o patrimônio local decorre da falta de identidade cultural, ocasionando descomprometimento com o patrimônio ambiental, e/ou arquitetônico da coletividade, seja, histórico, cultural, a rua, a praça, e se este está sendo ameaçado ou destruído.

A foto da praça também levantou a questão sobre a arborização da cidade. O lugar foi ressaltado pelos alunos como um importante espaço para a purificação do ar em uma rua onde o fluxo de veículos é intenso, gerando poluição atmosférica.

Além da questão cultural, esse fato remete a discussões sobre política (continuidade dos projetos de governo), democracia, cidadania, entre outros. Quando os jovens selecionaram essas fotos estavam se posicionando politicamente.

O comprometimento com o cuidado com as árvores, plantas e com o patrimônio público, assim como a preocupação em impedir que outras pessoas as depredem, podem se ampliar na medida em que os jovens, e por consequência seus familiares, tem informações sobre o assunto e debatem sobre essas questões percebendo a importância dessas melhorias e de sua manutenção.

3) *A beleza das paisagens*



Imagem 7 – Centro da cidade de Pelotas/RS
Autora: Aluna M.A.



Imagem 8 – Balneário Santo Antônio. Lagoa dos Patos, Pelotas/RS.
Autor: Aluno A.C.

A terceira categoria é aqui representada por duas fotos. A primeira é da aluna M.A. a qual fotografou o centro da cidade (IMAGEM 6) através da janela do prédio onde sua mãe trabalha, em que vai todos os dias após sair da escola. A foto despertou questões pertinentes à Geografia Urbana, tais como: *o que é espaço geográfico, O que é paisagem. O que é cidade. O que são cidades espontâneas e cidades planejadas. Quais as características dos centros urbanos. O que são aglomerações urbanas. O que é microclima urbano.*

Através da fotografia foi possível perceber o relevo plano da cidade de Pelotas, que faz parte da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, associando os conteúdos que são definidos pelo currículo como parte da Geografia Urbana, ao que seria estudada separadamente pela Geografia Física.

Pelotas é uma cidade histórica e vem sofrendo um processo de revitalização do centro através do Projeto Monumenta⁶. Esse tipo de discussão favorece o maior comprometimento com a preservação dos prédios restaurados e a valorização da cidade pelos estudantes/cidadãos assim como o sentimento de pertença associado ao orgulho do lugar onde moram.

A outra imagem (IMAGEM 7) fotografada pelo aluno devido à *beleza da paisagem*, retrata um trecho da praia do Balneário Santo Antônio, que compõe a praia do Laranjal na Lagoa dos Patos. Esta fotografia possibilitou aos alunos uma reflexão sobre questões referentes a desmatamentos, ações humanas na orla da lagoa, entre outros e à situação de outra praia do Laranjal, a do Balneário dos Prazeres, a qual sofre com a erosão dos solos e avanço das águas sobre as moradias, devido ao desmatamento e a ocupação irregular.

Ocorrências como essa na leitura da paisagem permitem “ver além da fotografia”⁷ possibilitando relacionar o que está sendo visto com outras situações já vivenciadas ou que ainda irão vivenciar. Muitos desses jovens residem, veraneiam ou usufruem desses balneários no período de verão, sem, muitas vezes, terem percebido essas questões ou pensarem que decorrem somente da ação do intemperismo natural.

Ao trabalhar-se com a concepção da paisagem como um recorte que sintetiza as sucessivas relações entre o homem e a natureza, se desperta para a consciência da ação humana que destrói ou preserva. Assim, podem se comprometer com o cuidado com essas praias e com alternativas a esses problemas.

A síntese dos conceitos e da produção coletiva foi realizada a partir de um texto coletivo produzido pela turma com a mediação da professora-pesquisadora, e mostrou ter favorecido a revisão de conceitos dos jovens sobre a Geografia como o trecho destacado a seguir: “A através das fotografias consegui entender que posso aprender sobre vegetação, relevo, comércio, habitação etc. e em um único lugar, entendo melhor o que é Geografia na minha cidade.”

Essa fala dos alunos mostra os ganhos com uma abordagem multidisciplinar, rompendo com a visão fragmentada que se tem dos diferentes componentes curriculares quando abordados de forma desarticulada. Para Morin (2003):

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (p. 13)

⁶ www.monumenta.gov.br

⁷ Grifo das autoras.

Os estudantes trouxeram outros destaques positivos no texto, como esse: *“Nesta atividade me senti feliz em saber que nossa cidade é muito interessante, e também por expandir meus horizontes sobre ela. Senti-me alegre em perceber que Pelotas tem feito avanços em relação à infraestrutura ao longo do tempo, mas também me senti triste vendo que ainda existem muitas pessoas vivendo em más condições e que ainda tem muita coisa a ser feita.”*

As situações vivenciadas pelos indivíduos são compostas por diferentes acontecimentos e elementos, e a visão compartimentalizada “impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui)” (Morin, 2003).

Olhando um álbum de fotografias: algumas considerações finais

A atividade propiciou a abordagem de conceitos fundamentais a Geografia e a EA de forma articulada, tais como: vegetação, relevo, clima, ocupação do solo e suas repercussões, ocupação humana, pertencimento, recursos hídricos, meio-ambiente, qualidade de vida, arborização, entre outros através da fotografia. E na “impossibilidade de ir a todos lugares” (OLIVEIRA JR., 1999, p. 41), a fotografia se mostrou como uma grande ferramenta para que os alunos conhecessem lugares e paisagens da cidade que nunca haviam visitado.

A utilização dos celulares e das câmeras digitais para o desenvolvimento das aulas contribuiu bastante para o envolvimento dos alunos e nossos dados indicam repercussões no processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, provavelmente, amplie-se o significado, a relação entre os conceitos e uma visão mais crítica sobre o seu entorno.

Por sugestão dos estudantes, a socialização do conhecimento ocorreu por meio de um álbum confeccionado por eles e disponibilizado na biblioteca para consulta. O compartilhamento da pesquisa com a comunidade escolar foi considerado por nós de extrema importância, tanto como retorno a terem aberto suas portas para a realização do trabalho, como para mostrar que os estudantes produzem saberes.

A divulgação desse tipo de atividade pode favorecer o debate e a constituição de um escopo teórico sobre essas experiências inovadoras que muitas vezes deixam de ser desenvolvidas pela falta de sustentação teórica.

Destacando a abertura da professora da turma que participou ativamente do processo formativo, cremos que esse tipo de parceria com a escola básica qualifica a ação docente e amplia o conhecimento sobre as práticas pedagógicas e sobre a formação de professores, podendo ser classificada como Formação Continuada. Segundo Carbonell (2002) um dos fatores que dificultam a produção da inovação pedagógica na escola é o “divórcio entre a pesquisa universitária e a prática escolar” (p. 39).

Acreditamos que esse tipo de abordagem de alguma forma amplia as possibilidades de os alunos, os leitores e de nós mesmas sairmos do discurso sobre a necessidade de cuidar do planeta em direção à mudanças de hábitos e efetivação de atitudes conscientes, capazes de melhorar as relações entre as pessoas e com o meio-ambiente .

REFERÊNCIAS:

- BERNA, Vilmar. *A mudança começa em nós*. Revista Educação Ambiental em Ação. N.10, 2004. Disponível em: <http://www.revistaead.org/artigo.php?idartigo=246&class=05>. Acesso: setembro de 2010. Acesso: 10/10/2010
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto/ Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARBONELL, Jaume. *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2008
- DANTAS, Eugênia Maria. *Memória, educação, fotografia: leituras complexas*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0209t.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2010
- FURTADO, Ires de Oliveira Furtado. *A utilização da fotografia como recurso didático nas aulas de Geografia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: Rosa Elane Antória Lucas. Licenciatura em Geografia. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- GOMES, Romeu. A análise dos dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da escola cidadã, v.3).
- LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LOUREIRO, C.F.B. *Trajectoria e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico, LAYRARGUES, Philippe e CASTRO, Ronaldo (orgs.).

Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: HUCITEC, 1989.

OLIVEIRA JR., Wenceslão Machado de. *Turismo e Fotografia: continuidades existentes na construção da imagem de uma cidade*. In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Anais do 5º ENPEG. Belo Horizonte: 1999.

OLIVEIRA JR., Wenceslão Machado de. *Desenhos e Escutas*. In: 29º ANPED. Caxambu, 2006.

PENTEADO, Heloísa. *Meio ambiente e formação de professores*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental?* São Paulo: 2003.

SCHÄFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et. al. (org). *Ler e escrever. Compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (p. 84 – 101).

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUSA SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Afrontamento: 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia. In: *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. 2001.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.